

Problematizar o contexto para amadurecer na vida crítica

Reginaldo Gurgel Moreira
Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos

Resumo: Este trabalho é resultado de interpelações e reflexões acadêmicas acerca da importância de articular os conceitos sobre discurso e contexto, para nos aproximar de uma postura mais crítica e engajada com a transformação social. Por isso, nosso objetivo é identificar as contribuições de abordagens discursivas sobre o contexto para uma percepção ampliada da crítica nos processos metodológicos da Análise Crítica do Discurso, mediante a necessidade de um maior engajamento na transformação das práticas sociais. Para tanto, utilizamos as contribuições de Blommaert (2008) e Hanks (2008) para embasar nosso texto que é uma forma de compartilhar saberes, em vista de um mundo melhor.

Palavras-Chave: Discurso. Contexto. Crítica.

Reginaldo Gurgel Moreira é Mestre e Doutorando em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA/UECE. Professor do Centro Universitário Estácio do Ceará. Membro do grupo GELP-COLIN (UFC) e do GEPPIL (UNILAB).

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos é Pós-Doutora e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA/UECE. Professora Titular do Centro Universitário Estácio do Ceará. É vice-líder do grupo GELP-COLIN (UFC) e membro do GEPPIL (UNILAB).

Problematizar el contexto para madurar en la vida crítica

Resumen: Este trabajo es resultado de interpelaciones y reflexiones académicas acerca de la importancia de articular los conceptos sobre discurso y contexto, para aproximarnos a una postura más crítica y comprometida con la transformación social. Por eso, nuestro objetivo es identificar las contribuciones de enfoques discursivos sobre el contexto para una percepción ampliada de la crítica en los procesos metodológicos del Análisis Crítico del Discurso, mediante la necesidad de un mayor compromiso en la transformación de las prácticas sociales. Por eso, utilizamos las contribuciones de Blommaert (2008) y Hanks (2008) para referenciar nuestro texto que es una forma de compartir conocimientos, en vista de un mundo mejor.

Palabras claves: Discurso. Contexto. Crítica

Introdução: por um despertar crítico a partir do nosso lugar de fala

Ao longo de nossa experiência docente no Ensino Superior, temos participado de grupos de orientadores e avaliadores de pesquisas científicas em eventos acadêmicos e em bancas de Trabalhos de Conclusão de Curso da Graduação que se propõem a estudar diversos fenômenos (extra)linguísticos, a partir da contribuição de teóricos da Análise do Discurso (AD), da Análise Crítica do Discurso (ACD), entre outras perspectivas prático-teóricas que enfatizam o discurso e o contexto.

Ocorre, entretanto, que nessa vivência acadêmica, observamos certa limitação em alguns trabalhos ao adotar, metodologicamente,

esta ou aquela teoria, sobretudo no que diz respeito à dificuldade de aplicar uma postura crítica ao fenômeno que está sendo analisado, ou ainda de gerar um engajamento, através do conhecimento, com a transformação socioambiental. Não raro, constatamos que muitos desses estudos não cruzam os muros das universidades, sequer retornam aos sujeitos pesquisados com resultados ou interpelações, contrariando expectativas e bloqueando relações, quer pelo descrédito quer pela ausência pós-pesquisa.

Provavelmente, tal problemática advém de exigências metodológicas conservadoras que insistem no distanciamento entre o *pesquisador-sujeito* do *corpus-sujeito* pesquisado, sustentadas pela herança científica tradicional que separa teoria da prática, em vista de uma busca obsessiva por validações objetivas, absolutas, universais e racionais para os problemas apresentados.

Questionamo-nos, portanto, em que medida as abordagens e apropriações acerca do contexto podem nos ajudar a repensar nossas práticas e influenciar nossas pesquisas transdisciplinares sobre discursos e interações – especificamente na Análise Crítica do Discurso – comprometendo-nos com a transformação das práticas sociais analisadas e posicionamento crítico dos pesquisadores. Por isso, neste texto, objetivamos identificar as contribuições de abordagens discursivas sobre o contexto para uma percepção ampliada da crítica nos processos metodológicos da Análise Crítica do Discurso, dentre outros, mediante a necessidade de um maior engajamento na transformação das práticas sociais.

Além disso, especificamente, queremos refletir sobre uma possível crise na crítica das análises discursivas em decorrência a uma

percepção limitada sobre o contexto durante o processo metodológico analítico; vamos também apresentar exemplos sobre a importância de uma concepção mais ampliada e aprofundada sobre o contexto, tanto para os processos metodológicos de análise, como para a prática social das interações.

Metodologicamente, podemos dizer que este trabalho é um resultado das leituras, reflexões e inquietações nossas, ao longo de uma disciplina sobre ACD do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, em 2018. Compartilhar de tais experiências foi, no mínimo, um dos nossos compromissos com a mudança social dos nossos lugares de fala-atuação, estudiosos do discurso em busca de uma maturidade crítica. Para exemplificar algumas questões, selecionamos alguns fenômenos linguísticos relacionados aos assuntos tratados. Para tanto, nossas maiores referências bibliográficas repousam nas contribuições de Blommaert (2008), Fairclough (2008) e Hanks (2008), entre outros.

I. Das aulas para a vida: nossas pesquisas como um engajamento social transformador

Ao longo dos estudos sobre a Análise Crítica do Discurso, fomos orientados a reflexões coletivamente aprofundadas não apenas para compreender os fluxos conceituais e prático-teóricos dessa vertente linguística, mas, sobretudo, exercitar um olhar crítico sobre as lacunas de tal perspectiva; ou, como melhor tem ilustrado nossa professora Claudiana de Alencar, pensar-agir a “crítica da Crítica”, sensíveis

para a necessidade de não estagnar em reproduções da teoria diante dos conflitos que surgem na interação social, preestabelecidamente.

Por isso, parece-nos tão pertinente a participação de Blommaert (2008) na bibliografia estudada ao longo deste curso, sobretudo no que diz respeito à necessidade de ampliar nosso engajamento e olhar investigativo para a questão dos “graus de situacionalidade” do texto, haja vista que tradições da Análise Conversacional e até mesmo da ACD tendem a limitar ou condicionar o texto situado às circunstâncias determinadas individuais dos interactantes.

1.1 Contexto em Blommaert: por uma crítica situada

Para tanto, compreendemos que o processo de imersão na prática da ACD, por exemplo, requer uma tomada de atitude que vai para além do *já dado* na interação (macronível do texto), da superficialidade dos usos linguísticos como meras indicações sociocomportamentais, dos enquadres estruturantes presentes nos turnos de fala já pré-estabelecido em tabelas e, por que não dizer, de uma noção atrofiada do contexto como simples referência ao significado textual. Fundamentando-nos em Blommaert (2008, 112), passamos a entender que a perspectiva crítica de contexto acontece à medida que “são vistas como condições para a produção do discurso e para a forma de entendê-lo”.

A constatação apresentada logo acima, sustenta-se na crítica que esse autor faz às duas concepções críticas de contexto. Se, por um lado, a tradicional Análise do Discurso passa pelo dilema de, metodologicamente, enquadrar o discurso em “seleções particulares de

contexto” (BLOMMAERT, 2008; 94), para a ACD – que busca esclarecer a opacidade das forças de poder e hegemonia/instituições que atravessam os discursos, por meio de uma análise interventora das práticas sociais e comprometida com a igualdade social e com o bem comum – torna-se ainda mais complicado, uma vez que seu *modos operandi* parte também da “situacionalidade social dos dados discursivos”, subsidiando ao contexto “observações sistêmicas e institucionais amplas” (*ibidem*). O autor conclui ainda sua crítica à ADC afirmando que se seus pesquisadores utilizarem a noção de contexto como um mero “pano de fundo” das narrativas de poder nas práticas sociais analisadas vai comprometerá a credibilidade da pesquisa/pesquisador no seu caráter de *crítica*, uma vez que será resultado não de investigação, mas de crenças (*idem*, 97).

Quanto à segunda concepção crítica de contexto apresentada por Blommaert (2008; 97), deparamo-nos com os desafios metodológicos citados por esse autor em algumas vertentes da Análise da Conversação (AC), como a primazia da “análise interna” da fala-interação em Emanuel Schegloff, conforme ilustra Blommaert (*ibidem*), que resulta em duas situações problemáticas.

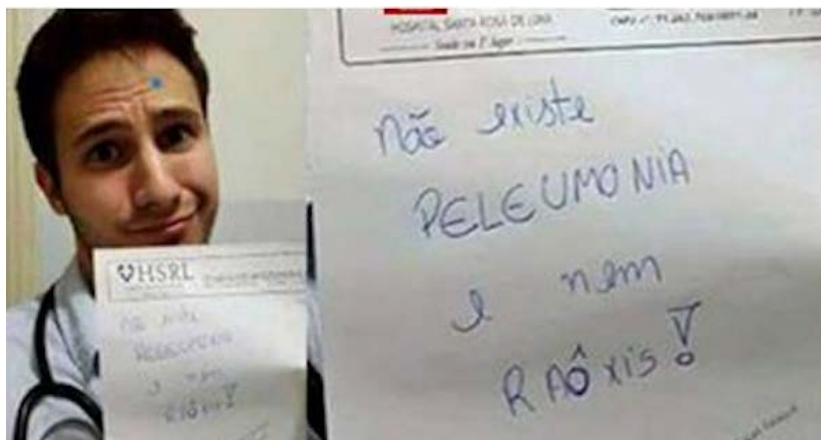
Quanto ao primeiro problema, trata-se de empregar análise como entextualização (textos removidos de contextos), resultando numa “replicação analítica” da interação-fala, sob o risco da supressão da análise, uma vez que “o que a AC identifica na fala é fala” (BLOMMAERT, 2008; 98) e não atravessamentos contextuais críticos que fundem discursos e estruturais sociais, analiticamente. A segunda questão está na identificação das dimensões conjunturais (social, político etc.) em trechos específicos de interação-fala, isto

é, os coparticipantes da interação, pela fala em específico, demonstram marcas de gênero, raça, poder, etc. Porém, tais marcas podem ser refratadas ou modificadas à medida do tempo-espaço que podem gerar novas interações-falas, não correspondendo àquela análise pontual da AC. Tal situação pode resultar numa noção de contexto limitante, conforme afirma Blommaert (2008, 100): “No trabalho de Schegloff e em trabalhos afins, o contexto é reduzido a um contexto estereotipado, neutro e autocontido, em que *tudo* aparece acontecer. Mas a fala (...) pode ser entendida nos termos de suas marcas de gênero, por *outros* participantes, posteriormente, e de forma impactante para os participantes ‘originais’”.

Dada sua crítica às metodologias da ACD e AC, no que tange à concepção reduzida de contexto como o lugar para o uso da análise crítica, Blommaert propõe, portanto, em colaborar com três dimensões do contexto, no sentido de que possa haver um melhor *fazer* linguístico, comprometido com o atravessamento crítico do discurso e nas estruturas sociais, e vice-versa.

A primeira perspectiva diz respeito à noção de *recursos como conceito*, isto é, são os “instrumentos linguísticos e habilidades comunicativas frequentemente identificados como *recursos*” (BLOMMART, 2008; 102). Observando os diferentes graus de uso desses recursos por parte dos sujeitos numa interação, bem como processos de hierarquização e adequação funcional desses mecanismos linguísticos, poderemos aprofundar nosso olhar crítico-analítico no conflito social que se articula e se (re)apresenta na interação (des)igual. Podemos ilustrar melhor esse aspecto trazendo como exemplo o desrespeitoso caso em que um médico, pelas redes sociais, postou uma

Postagem de médico do Hospital Santa Rosa de Lima (SP)



Fonte: <https://www.metropoles.com/brasil/medico-e-afastado-apos-debochar-de-paciente-nas-redes-sociais>

reapresentação de sua interação com um de seus pacientes, quando se referia aos termos “pneumonia” e “raio-x”.

No instante da postagem, seu discurso de reprovação ao grau de proficiência linguística do paciente resultou em reprovação também em sua postura ética e humanitária. Essa hierarquização dos usos linguísticos pode não apenas reforçar estruturas de poder, como podem também naturalizar desigualdades sociais. A postagem em redes sociais seria o meio para a disseminação de tal postura. Contudo, em comentário vinculado ao post desse médico, um parente do paciente insultado reverteu a situação, questionando acerca do caráter desse profissional. Tivemos acesso à matéria jornalística¹

1. VICTAL, Renata. Médico debocha de paciente na internet: não existe “peleumonia”. G1, Campinas SP, 29 jul. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleumonia.html>. Acesso em: 20 de jun. 2018.

sobre esse episódio e o que também nos incomodou muito foram comentários que aprovaram a “correção” do médico, em tom de zombaria inferiorizando pessoas por variações linguísticas e graus de proficiência. O caso foi uma janela (digital) aberta para expressar preconceitos linguísticos e sociais. Mas a reação contrária ao médico prevaleceu. Além de apagar seu post, o médico também enviou, pelas mídias, pedidos de desculpas a quem se ofendeu. Em consonância com Blommaert (2008; 107), podemos constatar nesse exemplo apresentado que os recursos linguísticos não servem unicamente como elementos textuais, mas das sociedades e das estruturas sociais. Em outras palavras, ao pronunciar “peleumonia” e “raôxis”, o paciente falou de sua vida, de sua história, de seu meio; assim também o médico, com esse discurso debochado e prosódia percebida em foto, igualmente falou de si e de seu mundo.

Quanto à segunda dimensão, destacam-se as *trajetórias de texto*, isto é, o percurso do discurso por meio dos contextos, ao que o autor chama de “práticas de recontextualização” (BLOMMAERT, 2008;107). Nesse processo de movimentos, a presença de meios técnicos e tecnológicos tornam a fala em narrativa recontextualizada, pelo domínio da técnica da escrita. As notas oficiais, memorandos, cartas, boletins, citações são exemplos desses trajetos. Assim também o discurso publicitário institucional de uma empresa ou órgão público é cenário de grandes fluxos textuais. Por conseguinte, torna-se indispensável que, ao pensar os contextos, os sujeitos da interação publicitária se atentem para esses movimentos de recontextualização, mediante o processo de criação, produção e recepção de tal discurso. Por vezes, deparamo-nos com campanhas publicitárias

denunciadas e julgadas por descumprir o Código de Ética, junto ao Conselho Nacional de Autoregulação Publicitária (doravante Conar), resultando em conflitos sociais e crises institucionais. Em nota, como defesa, comumente os representantes de tais órgãos afirmam não ter sido aquela a intenção. Observamos aqui que o uso de tal recurso tenta tirar a culpa de uma ofensa ou engano. Mas se analisarmos os *trajetos de textos* do processo publicitário, entenderemos a força ideológica de outros poderes e grupos hegemônicos prevalecendo nessa recontextualização, que parte do *briefing* à veiculação da campanha publicitária.

Como exemplo, podemos citar o anúncio da Editora Minuano que produziu e veiculou o seguinte conceito:

Casar com uma mulher que não cobra NADA disso, não tem preço!



Fonte: disponível em: <http://www.administradores.com.br/noticias/cotidiano/ editora-publica-postagem-machista-e-usuarios-do-facebook-sugerem-boicote/106821/>. Acesso em 22 jun. 2018.

Em meio a esse discurso sexista, a empresa acaba por se associar a uma sociedade patriarcal, por essa trajetória de textos que indicam desigualdade de gênero, que “sustenta relações de dominação machista e *expurga* a identidade do corpo feminino” (MOREIRA, 2016; 147). O processo (Representação nº 225/15) envolvendo a Minuano foi de autoria do Conar e correu em fevereiro de 2016. Após denúncias de consumidores, com base nos artigos 1º, 3º, 6º, 19, 20 e 50, letra “c” do Código, o relator Enio Vergueiro, na Segunda e Quarta Câmaras do Conar, admitiu a dificuldade de entender a mensagem do anúncio, “mas que, para considerá-lo uma homenagem à mulher é ‘ginástica de imaginação’, sendo mais provável tomá-lo como ofensivo”². Como podemos observar, a defesa da Editora Minuano tentou amenizar a crise, justificando que não era essa a intenção, mas queria fazer uma homenagem às mulheres. É justamente percebendo esse trajeto de textos nos contextos relacionados ao caso que podemos analisar criticamente o discurso publicitário, a fim de exigirmos outras abordagens conceituais mais éticas, no *fazer* publicitário, que é também dimensão significativa da sociedade (sobretudo da sociedade de consumo).

A terceira dimensão destacada por Blommaert diz respeito às *Histórias dos dados discursivos* (2008; 110), dada a sua relevância para a interpretação dos fenômenos analisados. A propósito, já de início, convém salientar que esse autor reconhece que a análise – enquanto entextualização – já é partícipe do movimento-trajetória dos textos.

2. DECISÕES, CONAR, fev. de 2016. Disponível em: <http://www.conar.org.br/>. Acessado em 13 de mai. de 2018.

É por essa razão que a Etnografia tem espaço privilegiado, enquanto método de pesquisa para a ACD.

A despeito de uma necessidade de ampliar nosso conhecimento sobre a etnografia, destacamos a contribuição de Catarina de Oliveira, enquanto etnógrafa e pesquisadora da comunicação junto ao Movimento Sem-Terra, sob a influência dos enfoques etnográficos dos antropólogos e comunicadores do Colégio Invisível teorizada por Yves Winkin e dos Estudos Culturais ingleses e latinoamericanos:

Creio que é importante ressaltar que, nesses dois enfoques de investigação, paira, sobre a pesquisa em Comunicação, o dilema de assumir o fazer etnográfico; por um lado atribuindo que esse é um método da antropologia que requer pré-requisitos de formação e, quando muito, é utilizado sob a ótica de procedimentos técnicos através, essencialmente, da observação participante que passa a ser usada como técnica de pesquisa de campo, e, por outro, entendendo a comunicação enquanto campo que usa a etnografia integrada num processo que chama de multimetodológico e acredita que precisa de outras estratégias, buscando, muitas vezes, desenvolver seu próprio campo de investigação, procurando inovar em termos metodológicos (OLIVEIRA, 2014; 33).

Considerando o fluxo de nossa leitura e reflexão, acreditamos que seja de grande relevância essa colaboração de Oliveira (2014) para o bom entendimento de contexto, porque, pela entextualização, já reconhecemos os processos históricos dos dados numa narrativa-interação. Dessa forma, nessas narrativas identificamos os conteúdos presentes na história que se conectam a uma situação conjuntural específica.

Nossa leitura atenta sobre a importância da Etnografia para a ACD nos fez perceber que outro método de estudo pode, igualmente, lograr êxito frente às problemáticas apresentadas por Blommaert. Referimo-nos à Cartografia como percurso metodológico, que foi tão bem sintetizada pelo cartógrafo-linguista-aprendiz Gilson Soares Cordeiro, em sua tese que cartografa a capoeira como jogo de linguagem e resistência:

Assim, neste trabalho tenho lidado com o método cartográfico e, a partir desta abordagem, tenho estado, ao longo dos mais de três anos de pesquisa em campo, junto aos sujeitos. Portanto, procurei a construção de uma narrativa politicamente comprometida, assumindo-me como um cartógrafo-aprendiz (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2014), um linguista que não está sobre os fatos, mas com as pessoas que estão em plena realização de suas vidas, vidas-gingas (CORDEIRO, 2015; 48).

Em sua pesquisa, Cordeiro conclui confirmando que sua opção pelo método cartográfico alinhou-se, politicamente, às práticas sociais na capoeira como jogos de linguagem de resistência, à luz de regras, porém abertas e estáveis, que se vinculam às lutas do passado com as lutas do presente: “obviamente, essas regras não são completas estranhezas para nós, de certo modo, sabemos previamente dessas regras, afinal de contas, elas estão na linguagem e no social, sabemos das redes de discursos pela interação na linguagem” (2015; 215).

No entremeio dessa análise, o contexto se faz como condição da crítica, ao mesmo tempo em que é constituído na trajetória e na história dos fluxos discursivos. Apesar de Cordeiro ter assumido a

perspectiva da Pragmática Cultural nessa sua pesquisa, acreditamos que seu engajamento poderia igualmente ser inspiração para pesquisadores que optam pela ACD, uma vez que em comum há uma centralidade nos estudos críticos da linguagem.

2. Contexto em Hanks: movimentos críticos a partir do cotidiano

Seguindo nosso fluxo reflexivo sobre a contribuição do contexto para um melhor *fazer* metodológico da ACD, queremos somar os conceitos de Hanks (2008) às contribuições de Blommaert, uma vez que a abordagem crítica se porta não como dogmas teóricos hermeticamente fechados que resultam em procedimentos automatizados e exclusivos a teóricos canonizados pelo rigor das políticas acadêmicas; antes, a crítica requer abertura e desconfiança diante da vida, convocando o pesquisador à intervenção transformadora da realidade, como nos orienta Rajagopalan (2017): “Para ser crítico, o pesquisador precisa ter certa desconfiança em relação a todas as conclusões a que ele chega, especialmente quando o caminho trilhado parece oferecer conclusões simples e certas”. Por isso, entendamos os esforços de Hanks como um subsídio a mais no exercício de situar o discurso atravessadamente às conjunturas do cotidiano.

Partindo da prerrogativa sobre a relação entre linguagem e contexto, co-articuladamente aos estudos dos “sistemas linguísticos, dos processos cognitivos e do uso da língua”, Hanks lança um olhar antropológico para tal fenômeno, uma vez que “a prática comunica-

tiva é integrante da prática social mais geral” (2008; 170). Ou seja, aproxima linguagem à vida social, logo, ao contexto.

Hanks apresenta duas perspectivas sobre contexto, de um lado as abordagens dos atos de fala, da conversação e da relevância que compartilham de uma perspectiva individualista metodológica, que prioriza o indivíduo ao coletivo. Para Hanks, essas abordagens concebem contexto sendo efêmero, “algo construído pela enunciação no curso da conversação” (*Ibidem*). Ou ainda, contexto “como uma estrutura radial, cujo ponto central é o enunciado falado” (2008; 171).

E a outra perspectiva oposta, centrada nas condições sociais e históricas, não individualista, mas pelo coletivismo. Aqui contexto é entendido como algo global e duradouro. Contexto enquanto tempo momentâneo-real do enunciado (individualistas) x enquanto tempo conjuntural dos sistemas coletivos e históricos (coletivismo) (2008; 172). Nesta segunda concepção, temos Foucault (discurso e relações de poder), Bourdieu (negociações linguísticas e bens/poder simbólicos), e a ACD que aborda o discurso no quadro tridimensional de Fairclough (2001, 2008): texto (forma linguística), prática discursiva (produção, distribuição e consumo dos textos) e prática social (ideologia e hegemonia).

Hanks afirma que, de certa forma, há possibilidade de complementariedade entre essas duas abordagens: “Os cenários locais da enunciação e da interação face a face são centrais para o primeiro grupo e ausentes, ou pelo menos marginais, para o segundo. Inversamente, os fatos coletivos, centrais para as definições sociais de contexto, são marginais ou simplesmente ignorados nas abordagens individualistas” (2008; 173). Tal situação pode comprometer os

estudos sobre contexto. Consequentemente, pode limitar também os processos metodológicos da ACD, que é nosso enfoque primário neste ensaio.

Por esse motivo, Hanks acredita que a antropologia linguística integra adequadamente os dois níveis, escapando a essa dicotomia. Cita o caso da etnografia da fala, que procura um “cenário etnográfico dos enunciados” (2008; 174), justificando que “nenhum estudo do contexto que tente dar conta das especificidades formais das práticas enunciativas e de seu encaixamento social deve rejeitar as divisões rotineiras entre fenômenos de micro e macronível” (*Ibidem*). Tal perspectiva se aproxima da importância que Blommaert dá à etnografia, ressaltando, contudo, a relevância dos estudos sociolinguísticos.

Ciente da problemática sobre a existência de modelo conceitual único e também do risco da particularização para as pesquisas envolvendo contexto, Hanks apresenta sua concepção sobre contexto, constituído pelas dimensões da *emergência* (esfera local da produção do enunciado; associada ao tempo real da produção-recepção do enunciado e da interação) e da *incorporação/encaixamento* (aspectos do enquadramento do discurso, incorporação ao contexto em larga escala; descreve a situação dos enunciados em algum contexto mais amplo) (2008; 175).

Hanks aprofunda emergência associando contexto como uma situação momentânea, através das condições de *cooperação mútua, co-ocupação do mesmo espaço-tempo e reciprocidade*. Donde sustenta a afirmação de que o contexto é situado, em conformidade com Blommaert. Além da situação, Hanks associa ainda aos cenários relevantes, destacando os tipos de relevância: topical, interpretativa e

motivacional. Por fim, acrescenta ainda os campos semiótico, simbólico e demonstrativo. Para ele, “o modelo de contexto implícito no campo demonstrativo é ponto de partida mínimo para o estudo do discurso” (HANKS, 2008; 183). Afirma ainda que “todas essas formas contextuais são emergentes devido ao fato de envolverem duração, sequência, simultaneidade e, nas formas mais complexas, memória e antecipação” (HANKS, 2008; 184).

Quanto à *incorporação/encaixamento*, Hanks fundamenta seu quadro explicando que “no curso da vida social, não há situação que não esteja ligada a um cenário e não há cenário separado de semiose. Essa relação de implicação ordenada e de conexão nós a descrevemos como incorporação/encaixamento” (*Ibidem*). Vincula-se a isso, portanto, o campo social, como um “espaço delimitado de posições e de tomadas de posição por meio das quais valores circulam, no interior do qual agentes possuem trajetórias ou carreiras e se engajam em vários *footings* (HANKS, 2008; 187). Aqui a incorporação se dá por sua articulação via relevância, simbolização e evocação indicial e por ocupação, uma vez que atores ocupam lugar de agente. Como a incorporação é um processo no tempo, deve-se observar a ordem temporal das ocupações. Hanks resume afirmando que “a incorporação da produção do discurso a campos sociais define um espaço de envolvimento entre agentes” (2008; 191). Por “campo”, entende-se como *habitus* individual (que entendemos como *ethos*) e/ou coletivo, entendido por nós como formação social.

Hanks destaca ainda, nesse tópico, os processos de contextualização como processos de ocupação das posições como fatos sociais que, em parte, independem das intencionalidades dos participantes

de uma interação. A *sobredeterminação* é outro processo contextual, já que produz determinadas configurações e ações contextuais prováveis e previsíveis. Como salienta Hanks, “a incorporação sobredetermina o contexto quando o *habitus*, o campo, o espaço construído e as práticas sancionadas alinham-se no sentido de impor ou induzir características específicas do contexto” (2008; 198). Por fim, Hanks encerra esse esquema reafirmando que os contextos e modos de engajamento são autorizados e legitimados pelos campos sociais que se estabelecem na interação.

Todo esse esforço de apresentar problematizações a respeito do contexto para uma análise efetivamente crítica do discurso não se encerra por aqui, obviamente há outras interfaces (extra)linguísticas e processos metodológicos que brotam do campo da investigação, em meio ao clamor por um engajamento transformador através do discurso-performance.

Essa nossa percepção, por exemplo, fundamenta-se no pensamento de Claudiana Alencar, mediante à necessidade de relacionar a linguagem-discurso com identidades sociais, relações sociais e criação de sistemas de conhecimentos e crenças, numa associação tensa, conseqüentemente, com as formas simbólicas de poder e os modos de operação das ideologias, que legitima e naturaliza estruturas identitárias que podem promover (des)igualdade nas interações sociais. Assim, o lugar da interação, segundo a autora, é (n)a identidade, “entendendo-a como a negociação de múltiplos sentidos que constroem múltiplas identidades sociais e pessoais” (ALENCAR, 2006; 45).

A despeito do método de pesquisa em ACD, Alencar (2006) propõe atravessar(-se) os métodos existentes sobre pesquisa da lin-

guagem ao compromisso linguístico de crítica ao político e social, assumindo a perspectiva totalizante da prática languageira na vida cotidiana, em vista de uma prática social transformadora, efetivamente. Devemos pensar pesquisa, portanto, “sobre, para e com os sujeitos” (ALENCAR, 2006; 58), lançando mão de métodos interativos, valorização dos sujeitos e intercâmbio entre pesquisador-pesquisado. Para tanto, a autora aponta para a vertente pedagógica libertadora de Paulo Freire, como um método de intervenção que gera transformação.

3. Considerações finais: por inícios transformadores

Nosso artigo, na verdade, assume um caráter de partilha reflexiva, engajada com movimentos de pesquisa que geram novos rumos. O que apresentamos aqui são inquietações que podem motivar nossos projetos acadêmicos, mas sem a pretensão de fixar-nos exclusivamente em estruturas fechadas de conhecimento, distantes da vida e do cotidiano. Antes, porém, lançamos nosso olhar em direção às ações práticas de um pensamento coletivamente construído, submetido ao rico poder da crítica que está também para além da academia, está no fluxo dos contextos que atravessam os sujeitos em interação.

Concluimos, portando, apontando para a necessidade de um amadurecimento na pesquisa em ACD, no sentido de não nos sentirmos satisfeitos apenas por utilizar os métodos e bases teóricas de Fairclough em fenômenos languageiros que se nos apresentam, por exemplo; busquemos, antes, a sensibilidade para perceber a vida e seus conflitos que nos interpelam a transformar, encontrando nos

diferentes saberes a que somos apresentados as armas para combater as injustiças e desigualdades sociais, em vista do bem comum.

Referencial Bibliográfico

ALENCAR, Claudiana. Identidade e poder: reflexões sobre a linguística crítica. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil (org); FERREIRA, D.M.M. **Políticas em Linguagem: perspectivas identitárias**. 1 ed. São Pulo : Ed. Mackenzie, 2006.

BLOMMAERT, Jan. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola, 2008.

CORDEIRO, Gilson Soares. **Vem jogar mais eu, mano meu: cartografando a capoeira na cidade de Camocim como jogo de linguagem e resistência negra**. 2015. Tese (doutorado) Universidade Estadual do Ceará - Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Doutorado em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

FAIRCLOUGH, N. A teoria social do discurso. In: **Discurso e mudança social**. Coord. Trad. Ver. Técnica e pref. I. Magalhaes. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008.

HANKS, W. O que é contexto. In: **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. BENTES, A. C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M. A. R. (Orgs). São Paulo: Cortez, 2008.

MOREIRA, Reginaldo Gurgel. **(Des)Cortesia linguística na nova pragmática e a problemática da intencionalidade nos atos de fala violentos na publicidade brasileira: quem é o responsável?** 2016. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

OLIVIEIRA, Catarina Farias. **Comunicação, recepção e memória no movimento Sem-Terra**: etnografia do assentamento Itapuí/RS. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RAJAGOPALAN, K. Prefácio. Postura crítica: um olhar para o mundo. In: **Estudos críticos da linguagem**. MARTINS FERREIRA, D. M. (org.). Curitiba: Appris, 2017.